

“PASSAGEIROS DA NOITE”: UM OLHAR ESPERANÇOSO DE ESTUDANTES E DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Thamiris Nascimento de Oliveira ¹
Julia Kézia de Castro Bezerra ²
Anna Catarine Amaral ³
Tânia Serra Azul Machado Bezerra ⁴

RESUMO

Este relato apresenta uma experiência de práticas pedagógicas na Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA), realizada em uma Escola Municipal de Ensino Fundamental, a qual atende aos anos iniciais e anos finais, localizada em um bairro periférico da Regional VI de Fortaleza, Ceará. Este estudo teve como motivação a disciplina “Educação de Jovens e Adultos” fornecida pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), na qual a professora regente solicitou uma pesquisa de campo que proporcionasse conhecer as diferentes expressões presentes na EJA, bem como refletir sobre suas condições práticas de funcionamento. Objetivou-se compreender as percepções que os educadores e estudantes participantes dessa modalidade da instituição escolar têm em relação a essa etapa da escolarização. Adotou-se uma abordagem qualitativa, utilizando a observação e a entrevista como técnicas de pesquisa de campo; e roteiro de observação e questionário semi-estruturado como instrumentos de coleta de dados com um professor e quatro discentes da EJA. Para analisar os achados e discorrer sobre a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas como um espaço de luta e resistência, recorremos a estudiosos como Alves (2023), Arroyo (2006, 2017), Freire (1967, 1996), Haddad e Di Pierro (2024) e Jardimino e Araújo (2015). Os resultados evidenciaram a EJA como um ambiente humanizador que fomenta amor, empatia, luta, solidariedade e a busca por mudanças. Além disso, a defesa da modalidade, seja por docentes ou discentes, revelou-se um ato político em prol de uma sociedade equitativa, vislumbrando um “inédito viável” para enfrentar desigualdades de classe, gênero, raça e sociais, promovendo uma educação esperançosa na construção de outros mundos possíveis.

Palavras-chave: Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas (EJA), Esperança, Lutas Sociais, Sujeitos da EJA.

¹ Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, thamiris.oliveira@aluno.uece.br;

² Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará – UECE, julia.bezerra@aluno.uece.br;

³ Professora da Rede Municipal de Fortaleza/CE, Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, anna.amaral583@gmail.com;

⁴ Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará – UFC, Professora Adjunta da Universidade Estadual do Ceará – UECE, tania.azul@uece.br.



INTRODUÇÃO

Para compreender os resultados e refletir sobre a Educação de Pessoas Jovens, Adultas e Idosas como um espaço de resistência e luta, apoiamo-nos nas contribuições de autores como Alves (2023), Arroyo (2006, 2017), Freire (1967, 1996), Haddad e Di Pierro (2024) e Jardimino e Araújo (2015).

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) carrega consigo a esperança, os sonhos e uma oportunidade de recomeço para as inumeráveis pessoas que decidiram retomar os estudos. No que diz respeito à origem dessa modalidade de ensino, percebe-se que sua trajetória é longa e repleta de lutas sociais. Adentrando na história da educação brasileira, é conhecido que desde o Período Colonial os jesuítas realizavam ações educativas missionárias objetivando difundir a fé católica, propagar as normas de condutas e transmitir os ofícios tidos como base principal da economia da colônia. Inicialmente, esses ensinamentos irreflexivos foram repassados para jovens e adultos indígenas e, depois, aos escravizados negros com o intuito de “adestrá-los”. Embora não houvesse intencionalidade pedagógica nas práticas dos jesuítas, historicamente, esse período marcou o início da EJA. Ao longo dos séculos, esse sistema de ensino permeou marcos da história brasileira como a Primeira República, a Era Vargas, a Segunda República, o Regime Militar, a Redemocratização e a Nova República. Segundo Haddad e Pierro (2000),

No passado como no presente a educação de jovens e adultos sempre compreendeu um conjunto muito diverso de processos e práticas formais e informais relacionadas à aquisição ou ampliação de conhecimentos básicos, de competências técnicas e profissionais ou de habilidades socioculturais. Muitos desses processos se desenvolvem de modo mais ou menos sistemático fora de ambientes escolares, realizando-se na família, nos locais de trabalho, nos espaços de convívio sociocultural e lazer, nas instituições religiosas e, nos dias atuais, também com o concurso dos meios de informação e comunicação à distância (Haddad; Di Pierro, 2000, p. 108).

Nos diversos períodos históricos, mesmo com as ausências e discontinuidades do Estados, os sujeitos da EJA organizaram-se e lutaram por seus direitos incessantemente e, em tendo o direito à educação como dever do Estado na Constituição Brasileira de 1988, e em 1996, com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), essa modalidade passou a integrar formalmente o ensino básico comum. Contudo, a LDB 9.394/1996 trouxe uma “seção dedicada à educação básica de jovens e adultos [...] curta e pouco inovadora” (HADDAD e PIERRO, 2000,



p. 121) com apenas dois artigos, sendo que no Artigo 37 assegura o direito à educação a quem não teve acesso na “idade própria” e no Artigo 38, que teve muitas críticas de pesquisadores e docente, restringe a EJA a exames supletivos e cursos, assim “os sistemas de ensino manterão cursos e exames supletivos, que compreenderão a base nacional comum do currículo, habilitando ao prosseguimento de estudos em caráter regular” (BRASIL, 1996, art. 38) seguindo a fragmentação anterior.

METODOLOGIA

Na perspectiva da formação de professores qualificados para atuarem na EJA, o curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) tem em seu Projeto Político Curricular do curso de Pedagogia, o componente curricular optativo “Educação de Jovens e Adultos” que proporciona aos graduandos compreenderem a história, funcionamento e estratégias de ensino que envolvem esse sistema pedagógico. Durante esses estudos, a professora propôs um trabalho de campo que proporcionasse conhecer as diferentes expressões presentes na EJA, assim como refletir sobre suas condições práticas de funcionamento.

Este artigo, portanto, apresenta uma experiência de observação das práticas pedagógicas presente dentro da Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Ismael Pordeus, localizada em um bairro periférico da Regional VI de Fortaleza, Ceará. O objetivo foi compreender qual a visão que os educadores e estudantes que atuam nessa modalidade dessa instituição escolar possuem em relação a EJA.

Quanto à metodologia adotada, a abordagem deste trabalho tem caráter estritamente qualitativo, pois “a pesquisa nessa área lida com seres humanos [...]. E a realidade social é a cena e o seio do dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante” (MINAYO, 2009, p. 13-14). Além disso, esta pesquisa foi realizada mediante um relato de experiência.

Os procedimentos de pesquisa adotados têm como base a observação em campo e entrevistas com um professor e três discentes, sendo uma da EJA II, uma da EJA III e outra da EJA IV. Todos os envolvidos nessa pesquisa participaram voluntariamente de forma anônima, buscando a confidencialidade dos dados fornecidos. É válido destacar que a observação de campo ocorreu na mesma data da formatura da EJA IV, em dezembro de 2024. Ainda, quanto às entrevistas, o questionário envolvia perguntas



sobre formação profissional, planejamento pedagógico e rotina escolar.

REFERENCIAL TEÓRICO

Este trabalho exterioriza um recorte de uma experiência vivenciada durante os estudos do componente curricular “Educação de Jovens e Adultos” oferecido no curso de licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Logo, o presente artigo busca entender e apresentar a visão dos educadores e estudantes, que atuam nessa modalidade de ensino, de uma instituição escolar, em relação a EJA. Contudo, anterior a isso, tornou-se necessário compreender como ocorre a formação inicial dos professores que atuarão na área em questão, considerando que a formação de base impacta diretamente a concepção e práticas pedagógicas dentro da sala de aula.

Partindo do princípio de que a Pedagogia atua diretamente na EJA, especialmente com a alfabetização, é urgente analisar como acontece a formação acadêmica inicial de pedagogos, sobretudo na Universidade Estadual do Ceará (UECE), conhecida nacionalmente por priorizar a formação de professores e ter uma alta qualidade de ensino e pesquisa. A grade curricular da licenciatura mencionada, aprovada em 2018, dispõem de somente quatro disciplinas com foco nos estudos dessa categoria educacional, sendo duas dessas de caráter obrigatório, “Pedagogia do Paulo Freire” e “Educação Popular”, e mais duas de adesão optativa, “Educação de Jovens e Adultos” e “Estágio em EJA”. Esse número de cadeiras é pouco e mostra a invisibilidade da EJA presente já na formação inicial dos educadores. Essa análise realizada aqui, restringe-se às aulas ministradas na disciplina “Educação de Jovens e Adultos”, por motivarem o trabalho.

As aulas iniciaram em novembro de 2024 e encerraram em março de 2025, devido à uma greve dos docentes. Durante os estudos, os graduandos tiveram a oportunidade de conhecer a história completa da EJA e suas lutas sociais, os sujeitos que compõem essa modalidade e autores prestigiados que defendem uma educação libertadora e denunciam a precarização do ensino. De modo crítico e reflexivo, a Professora Doutora promoveu debates que proporcionaram conscientização sobre a necessidade de formar educadores comprometidos e engajados com as lutas da EJA. Acerca disso, Paulo Freire (1967) afirma acertadamente que:

Acontece, porém, que toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, a uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitidas



as hipóteses de resposta, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica ou preponderantemente crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação (FREIRE, 1967, p. 105-106).

A disciplina contava com, aproximadamente, 40 estudantes. Na etapa inicial dos estudos, o objetivo foi sondar os conhecimentos prévios dos graduandos sobre a EJA e, também, expor a história dessa forma de escolarização desde o Brasil Colonial até o cenário atual, buscando a compreensão de seus desafios e potencialidades. Para isso, com metodologia ativa e lúdica, os estudantes confeccionaram cartazes contando a trajetória da EJA em nosso país e, logo após a produção, expuseram nos blocos de aula da universidade como forma de propagar os saberes aprendidos.

Dando continuidade nos encontros da disciplina, também foi apresentado e debatido as Políticas Públicas Educacionais Brasileiras que contemplam a EJA como a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) e outras. Essa inclusão da EJA às Políticas Educacionais carrega função equalizadora, reparadora e qualificadora, elevando o acesso à educação, permanência e sucesso escolar. Posteriormente, os estudos passaram a direcionar-se à reflexão acerca dos sujeitos da EJA, no caso, docentes e discentes, assim como suas singularidades e trajetórias. Ao referir-se aos docentes, nota-se que, no decorrer do tempo, a imagem desses profissionais intercalava as identidades de técnico, professor reflexor e/ou pesquisador. Contudo, independentemente da postura profissional, é certo que os principais desafios enfrentados pela classe de docentes são a baixa remuneração, a desvalorização e a proletarização e “uberização” da docência. Apesar disso, o traço essencial dessa categoria é o trabalho coletivo, pois, assim como menciona com consistência o autor Jardimino (2014):

A ação docente não se traduz num trabalho solitário; ela é coletiva. Os professores estão imersos na sala de aula juntamente com seus alunos, formando uma comunidade de aprendentes e ensinantes. Lá, essa comunidade deve resolver situações complexas que exigem reflexão e habilidades de todos. Nesse ambiente, os saberes da experiência desenvolvem-se, constituindo certas formas de agir e pensar (JARDILINO, 2014, p. 161).

Quanto aos discentes, progressivamente, esta camada teve sua trajetória marcada pela exclusão nos processos educativos e pela desigualdade social, mas, contraditoriamente, são os “sujeitos de direitos e sujeitos de deveres do Estado” (ARROYO, 2006, p. 26). Além disso, os discentes contemplados pela EJA possuem um perfil heterogêneo em relação à idade, gênero, expectativas e comportamentos. Em



suma, são trabalhadores e/ou chefes de família. Segundo os Cadernos da EJA Volume 1 (2006), publicado pelo Ministério da Educação (MEC):

Os alunos e alunas de EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que eles trazem uma noção de mundo mais relacionada ao ver e ao fazer, uma visão de mundo apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o pre-parado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por outro lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga, olhar que pensa (BRASIL, 2006, p. 5).

Nos encaminhamentos para os encontros finais da disciplina de “Educação de Jovens e Adultos”, os graduandos envolveram-se em uma roda de conversa com uma Professora Doutora da UECE, onde a mesma compartilhou suas práticas pedagógicas de alfabetização na EJA e vivências como educadora da modalidade de ensino.

Além disso, no final do ciclo de aulas, também houve uma aula de campo para a Caixa Cultural de Fortaleza, equipamento de apoio e divulgação da arte e da cultura brasileira. Nesta ocasião, os estudantes visitaram as exposições “O Amanhã Não Existe” e a “Lia de Itamaracá - Cirandar é Resistir!”, tornando evidente a importância da alfabetização cultural na formação inicial dos educadores. Finalizando essa cadeira optativa, os graduandos produziram *fanzines* ou *zines*, pequenas revistas, com o intuito de expor o que aprenderam no semestre.

As aulas de campo, debates, leituras e produções artísticas promovidas pela disciplina, demonstraram aos futuros educadores de jovens e adultos que a EJA significa cuidado, poesia, identidade, inclusão, letramento, lutas sociais, sabedoria e respeito à diversidade. Essa cadeira foi essencial para mostrar que é necessário formar sujeitos críticos e capazes de transformar o mundo, assim como sua própria realidade. Educar deve ser equivalente a libertar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Infelizmente, desde o início da trajetória da EJA no Brasil, essa modalidade de ensino foi marcada por invisibilidade e violação de seus direitos. Contudo, independentemente dessas tentativas de exclusão e silenciamento, a EJA carrega consigo o olhar esperançoso de pessoas que acreditam na educação como agente transformadora de realidades. Claramente, “alegria” e “esperança” são palavras



presentes na rotina escolar da Educação de Jovens e Adultos.

Dito isto, antes de iniciar a análise da observação de campo e entrevistas realizadas, é necessário contextualizar a instituição de ensino selecionada para a pesquisa. A EMEF Ismael Pordeus, localizada em um bairro periférico da Regional VI de Fortaleza, é uma instituição de ensino que atende, aproximadamente, 1047 estudantes do Ensino Fundamental Anos Iniciais e Anos Finais e EJA, funcionando durante o turno matutino, vespertino e noturno. Além disso, o corpo docente é formado por cerca de 67 educadores, dos quais um aceitou voluntariamente participar desta pesquisa. Destaca-se que esses dados foram fornecidos pela Gestão Escolar da instituição durante a visita realizada na escola.

Figura 1: Espaços físicos da instituição escolar



Fonte: Elaborado pelas autoras (2024)

O professor entrevistado é formado em Letras Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC), é mestre em Letras Literatura pela mesma universidade e especialista em escrita literária. Com uma trajetória de vinte e cinco anos de magistério na rede particular, dos quais quatorze anos também foram dedicados à rede pública, o entrevistado atua como educador das turmas de EJA III e EJA IV. Durante um momento da entrevista, quando questionado sobre o seu convívio com os estudantes, o participante conta que busca construir um espaço agradável e receptivo, pois, com empatia e sensibilidade, compreende as dificuldades em estudar devido “a turma da EJA ser um pessoal que trabalha durante o dia [...]. Então, eles já vêm cansados”. Como prova disso, Arroyo (2017) relata com ênfase que:

Os adolescentes, jovens, adultos trabalhadores que vêm do trabalho para a educação não carregam apenas os valores, saberes, identidades de suas vivências pessoais de lutas por trabalho. Desde crianças são herdeiros dos valores, da consciência, das identidades de classe



trabalhadora. Das famílias trabalhadoras. Do pai trabalhador e da mãe trabalhadora que lhes passaram os valores do trabalho, de lutas por direitos. Há um traço marcante nas identidades coletivas dos jovens-adultos que lutam pela educação: saberem-se trabalhadores, trabalhadoras (ARROYO, 2017, p. 5).

Em relação à estrutura de suas aulas, o entrevistado descreve organizar em três etapas: explicação do conteúdo, atividade e correção, constantemente, intercalando com momentos de conversas que buscam valorizar os saberes dos estudantes e estreitar os vínculos de amizade. Quanto a essa prática de valorização, Freire (1996) concorda fielmente que:

Por isso mesmo pensar certo coloca ao ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os da classes populares, chegam a ela – saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos (FREIRE, 1996, p. 24).

Relativo ao planejamento pedagógico, o professor narra que planeja as aulas conforme os conteúdos do livro didático adaptado para a realidade da EJA e selecionado pela instituição escolar. Cabe salientar que este apoio didático foi elaborado pela Editora Moderna e dispôs de aprovação do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD). Contudo, quanto aos estudantes com necessidades especiais, como o Transtorno do Espectro Autista (TEA), a escola não é contemplada com agentes de inclusão e recursos pedagógicos reformulados.

A respeito do quantitativo de estudantes em uma turma, o entrevistado, identificado aqui como Educador X devido ao anonimato da entrevista, compara com uma metáfora que:

Vai virando um funil. Começa com quarenta alunos e vai e termina com quinze. Eles vão faltando por vários motivos - trabalhando demais, problemas familiares. Nesses treze anos que eu dei aulas de EJA, eu tenho histórias de tudo. São vários motivos que eles alegam por não puder vir e eu entendo porque, realmente, é cada um com sua realidade e as realidades deles não são fáceis (EDUCADOR X, 2024).

Em um tom de considerável emoção, espontaneamente, o participante menciona que sua prioridade, na primeira semana de aula, é conhecer os estudantes e suas histórias de vida. “São histórias bem comoventes, de superação mesmo. São histórias além de estudar, além de ser só pegar no caderno e copiar, [...] tem um drama social aqui”.



Referente a faixa etária e ao perfil socioeconômico dos estudantes, o professor informa que as idades variam entre dezoito anos e setenta anos. Fora isso, as turmas são compostas por pessoas em condições de baixa renda que dependem dos recursos financeiros proporcionados pelo Programa Pé-de-Meia. Apesar desse incentivo financeiro educacional, a maior parcela de estudantes optam apenas por finalizar o Ensino Médio devido a ausência de disposição, baixa autoestima ou necessidade de trabalhar e, conseqüentemente, não ingressam na faculdade.

Ao finalizar a entrevista, claramente, percebe-se no relato do entrevistado o prazer em contribuir com a transformação social dos estudantes da EJA. O mesmo diz contente que este é “um trabalho social muito grande [...] e, assim, fazendo isso estou contribuindo demais com melhores eleitores, para pessoas que não serão enganadas facilmente, para pessoas que vão ler a vida. Então, assim, a EJA é um lugar onde estamos fazendo um trabalho de esperança”. Esse amor, comprometimento e responsabilidade presentes na fala do participante é um reflexo que o mesmo luta bravamente por uma educação sensível que busca a autonomia, conscientização e emancipação de seus educandos, visando formar pessoas críticas capazes de compreender e transformar suas realidades. Acerca disso, afirma poeticamente Rubem Alves (2023) que:

“Educar é mostrar a vida a quem ainda não a viu. O educador diz: “Veja!” e, ao falar, aponta. O aluno olha na direção apontada e vê o que nunca viu. Seu mundo se expande. Ele fica mais rico interiormente... E ficando mais rico interiormente ele pode sentir mais alegria - que é a razão pela qual vivemos” (ALVES, 2023, p. 40-41).

Passando da perspectiva docente para discente, a entrevista com as estudantes da EJA desenvolveu-se centrada em questionamentos que permitissem compreender quais os motivos que resultaram na desistência dos estudos em determinado momento da vida e quais os fatores responsáveis por incentivar o retorno à trajetória escolar, assim como entender a relevância da EJA na jornada dessas pessoas.

A primeira estudante entrevistada, uma diarista de cinquenta e três anos, descreve com comoção que interrompeu os estudos após o falecimento de sua mãe. Na época, a participante, com quatorze anos, assumiu a responsabilidade de cuidar dos irmãos e das tarefas domésticas. Em relação a retomada dos estudos, a entrevistada narra tratar-se de um sonho antigo e afirma o desejo em concluir sua trajetória escolar.



Relativo ao papel da EJA em sua vida, a estudante conta que está “conectada com tudo. Você saber ler, escrever e puder assinar seu nome”, exibindo o vínculo íntimo entre a EJA e a possibilidade de acesso a direitos e transformação social.

A segunda estudante entrevistada, uma dona de casa de vinte e sete anos, conta que fez uma pausa nos estudos após descobrir sua primeira gestação ainda adolescente. A respeito das motivações para reiniciar os estudos, a participante informa que almeja ser um bom exemplo e servir de referência para seus filhos. Referente a importância da EJA em sua história, a mesma visualiza essa modalidade de ensino como “uma grande oportunidade para mudar de vida e ter um bom trabalho que garanta o sustento e lazer da família”. Por fim, a terceira estudante entrevistada, uma trabalhadora de 17 anos, informa com arrependimento que suspendeu seus estudos devido a influências negativas de pessoas do seu ciclo social. Quanto às razões motivadoras para prosseguir com os estudos, a participante fala que anseia “conseguir um emprego melhor”. Contudo, no que diz respeito ao valor da EJA em sua jornada, a mesma não soube formular uma resposta.

Nas declarações dos quatro entrevistados, nota-se fortemente a presença de uma visão esperançosa, sonhadora e transformadora, não limitando a EJA a invisibilidade e violação dos seus direitos que, infelizmente, estão presentes há tantos séculos. A EJA necessita de uma boa Política de Estado, que supere as fragmentações e descontinuidades, dialogando efetivamente com suas funções: reparadora, equalizadora e qualificadora. (Brasil, 2000). E Miguel Arroyo (2017) nos convida a conhecer quem são esses “passageiros da noite” trabalhadores e sujeitos coletivos que lutam pelo direito a uma vida justa, à cultura, ao conhecimento e à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Independentemente de lecionar ou estudar na Educação de Jovens e Adultos, a análise do trabalho permitiu compreender que vivenciar a EJA é um processo humanizador que germina o amor, a empatia, a solidariedade e a busca por mudanças. Por muitos séculos, essa a educação de pessoas jovens e adultas enfrenta tentativas de exclusão e silenciamento, mas resistem com esperanças e sonhos.

A diversidade de trajetórias, de gerações, étnico-racial e escolaridade são



características da modalidade e devem estar efetivamente presentes nos currículos e práticas. Na perspectiva freireana, reconhecer esses “passageiros da noite” como sujeitos de direitos, compreendendo que estudantes e professores são sujeitos da modalidade, que precisamos de uma escuta sensível e qualificada. A articulação com o mundo do trabalho, Lutar pela EJA significa um ato político e libertador a favor de uma sociedade mais equitativa, como o inédito viável para enfrentar as desigualdades de classe, raça e gênero no sentido de educação esperançosa por outros mundos possíveis.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem Azevedo. A arte de educar. In: ALVES, Raquel (org.). **Por uma educação sensível**. 1 ed. Jandira, São Paulo: Editora Principis, 2023. p. 40–41.
- ALVES, Rubem Azevedo. A arte de educar. In: ALVES, Raquel (org.). **Por uma educação sensível**. 1 ed. Jandira, São Paulo: Editora Principis, 2023. p. 40–41.
- ARROYO, Miguel González. Trazer o trabalho para a agenda pedagógica. In: ARROYO, Miguel González (org.). **Passageiros da noite: Do trabalho para a EJA: Itinerários pelo direito à uma vida justa**. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017, p. 03-07.
- BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 de março de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA**. Brasília: MEC, 2006. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/eja_caderno1.pdf. Acesso em: 20 de março 2025.
- EDUCADOR X. **Educação de jovens e adultos**. Entrevista concedida a: Thamiris Nascimento de Oliveira, 18 dez. 2024. Fortaleza, Ceará.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. Educação e conscientização. In: FREIRE, Paulo Reglus Neves (org.). **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967, p. 105-106.
- FREIRE, Paulo Reglus Neves. Ensinar exige respeito à autonomia do ser do educando. In: FREIRE, Paulo Reglus Neves (org.). FREIRE, Ana Maria Araújo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à práticas educativa**. 25 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996, p. 24-25.
- HADDAD, Sérgio; DI PIERRO, Maria Clara. Escolarização de Jovens e Adultos. **Revista Brasileira de Educação**. [s.l.], n. 14, p. 108-130, mai./jun./jul./ago. 2000. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/YK8DJk85m4BrKJqzHTGm8zD/?format=html>. Acesso em: 28 nov. 2024.

JARDILINO, José Lima Rubens; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de. Sujeitos da EJA. In: JARDILINO, José Lima Rubens; ARAÚJO, Regina Magna Bonifácio de (orgs.). **Educação de jovens e adultos: sujeitos, saberes e práticas**. São Paulo: Cortez, 2015. p. 161.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.); DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: Teoria, método e criatividade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009, p. 09-28.

